

São Pedro de Cima
O Nosso Lugar

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

São Pedro de Cima. O Nosso Lugar

SUMÁRIO.

Apresentação

O Meu Lugar, a minha comunidade

APRESENTAÇÃO

Esta cartilha é um presente. Um presente que recebemos de toda a comunidade de São Pedro de Cima durante o ano de 2009, quando acolheu a nós estudantes e professores da Universidade Federal de Juiz de Fora com muito carinho e respeito. Por isso, retribuímos esse presente registrando aqui tudo que aprendemos com as pessoas desse lugar e fazendo votos de que essa história seja de todos e para sempre. Com muita satisfação e orgulho do nosso lugar: o São Pedro de Cima.

O meu lugar, a minha comunidade

**“Muita gente tem receio
Não vai lá nem a passeio
Dizem que o lugar é feio
Mas eu acho tão bonito
Pois é lá no cafundó
Que sinto prazer maior
Dizem que tem lugar melhor
Porém eu não acredito”**

(Minha mensagem – Dino Franco e Mouraí)

É tão bom ter o canto da gente. Um pedaço do mundo que conhecemos bem, um pedaço do mundo onde nos sentimos bem ou,

simplesmente, um pedaço do mundo do qual gostamos. Esse é o nosso LUGAR.



Crianças da Comunidade em noite de festa. .

Melhor ainda quando não estamos sozinhos, isolados neste lugar; quando nele podemos contar com parentes, amigos, vizinhos; quando é possível estabelecer trocas com essas pessoas: conversas, ajudas, trabalho. É sempre muito bom poder comemorar juntos, sofrer juntos, reconfortar juntos. Assim, construímos relações de solidariedade e afeto. Essa é a nossa COMUNIDADE.

O que nos une enquanto comunidade?

Uma comunidade é formada por pessoas diferentes, mas que, apesar dessas diferenças, compartilham diversos elementos de suas vidas. Esses elementos PODEM SER: o lugar onde vivem, uma história ou origem em comum, hábitos e costumes, valores, crenças, entre outros. A partir desse compartilhar, dessas afinidades e da convivência entre essas pessoas são criados laços, relações comuns tais como: as relações de vizinhança e as relações estabelecidas através do trabalho, as quais contribuem para o fortalecimento de uma identidade própria da comunidade, uma identidade coletiva. É essa identidade que diferencia, por exemplo, São Pedro de Cima de outras comunidades. Pertencer à Comunidade São Pedro de Cima não quer dizer que seus membros não façam parte de outras comunidades menores ou maiores, pois sempre fazemos parte deste grande mundo de Deus.

O que faz de São Pedro de Cima uma comunidade?

- A possibilidade de aprendizado e de transmissão desses saberes adquiridos na relação íntima entre o agricultor e a terra pela necessidade de seu uso como principal meio de sobrevivência;
- A união na época da “panha” de café, na hora de preparar uma festa como a de São João, na hora das mulheres se juntarem pra cuidar da igreja, das festas, dos casamentos, das crianças ...

Esses são bons exemplos do compartilhamento de experiências e vivências entre os moradores. Especialmente em São Pedro de Cima, as relações de parentesco entre famílias acentuam a vida em comum, como no uso familiar do mesmo terreno/terreiro e a identificação dos terreiros através dos sobrenomes das famílias.



Comemoração das Bodas de Ouro de Jerônimo e Maria Lina. Julho de 2010.

As várias caras da nossa comunidade: somos muitos, somos vários, mas somos UM.

O ser morador da comunidade São Pedro de Cima quer dizer muita coisa. É ser gente, ser família, ser parente. Ser trabalhador, do campo, da roça, gente que planta e que colhe. Ser homem, mulher, jovem ou criança. Mas é também ser brasileiro, que já nasceu como povo misturado: que já nasceu um povo meio índio, meio africano e meio europeu, principalmente português e, hoje, a mistura é cada vez maior. Mas para entender quem são, temos que conhecer a nossa ascendência, ou seja, de onde viemos e quem veio antes de nós. E mais ainda, o que eles deixaram em nós e para nós.

Assim, já dá para entender um pouco algumas palavras que ouvimos por aí, como afrodescendente ou afrobrasileiro. Dá para compreender que esse povo que fez parte da mistura (miscigenação) do povo brasileiro tem muito a ver com a gente, mas pra conhecer ainda mais, temos que tomar conhecimento de quem são os africanos.

A África é um continente. Um continente grande, extenso, que fica do outro lado do oceano Atlântico. Quem nasce nesse continente é chamado de Africano.

No Brasil, o país africano mais conhecido é Angola, mas há muitos outros. No continente africano existem 53 países! Você já ouviu falar de Guiné Bissau, Quênia, Tunísia, Egito, Moçambique, Ruanda, Congo, Senegal? Todos eles são países africanos, mas são

diferentes entre si. Alguns, por exemplo, falam português, outros francês, inglês, além dos inúmeros dialetos como o crioulo, kimbundo e o iorubá.

Os costumes desses países também não são idênticos. Cada um tem o seu jeitinho, a sua gente. Afinal, o Brasil e a Argentina também estão no mesmo continente, nem por isso somos iguaizinhos, não é? E na verdade, a África e o Brasil estão tão longe, mas tão perto... Tanto que em 2003, foi criada uma lei que institui o ensino obrigatório da história e cultura afrobrasileira no ensino fundamental e médio, é a lei 10.639/2003, que ainda inclui no calendário escolar o dia 20 de Novembro como "Dia Nacional da Consciência Negra"! Isso foi feito para que todo mundo desde pequeno entenda, respeite e valorize nossas semelhanças e desigualdades.

"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar." (Nelson Mandela)

Pois é, ser brasileiro, já é ser meio africano. E a comunidade São Pedro de Cima, ainda tem mais uma marca, mais uma cara, mais uma identidade: ser quilombola!



Afinal, em 28 de Julho de 2006, a comunidade foi certificada como comunidade remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares (nome em homenagem ao Zumbi dos Palmares).

Mas o que isso quer dizer, o que é quilombo hoje? E como começou essa história?

“Este povo não conhece a sua região de origem na África, ainda é imprecisa a idéia de que seus antepassados foram trazidos do Continente Africano. Melhor dizendo, eles não sabiam que eram “quilombolas”.” (COELHO,p.7)

Existem quilombos no campo e na cidade, e, só em Minas Gerais, de acordo com o [Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - Cedefes](#), existem aproximadamente 400 comunidades quilombolas distribuídas por mais de 155 municípios (cidades).

O que temos atualmente são comunidades que desenvolveram práticas de resistência ao manter e reproduzir suas próprias maneiras de viver em um espaço determinado.(...)
A identidade (...) de um grupo quilombola é o resultado (...) de fatores definidos por eles mesmos; uma ancestralidade comum, formas de organização política, social e cultural, elementos lingüísticos e religiosos. (COELHO,p.3)

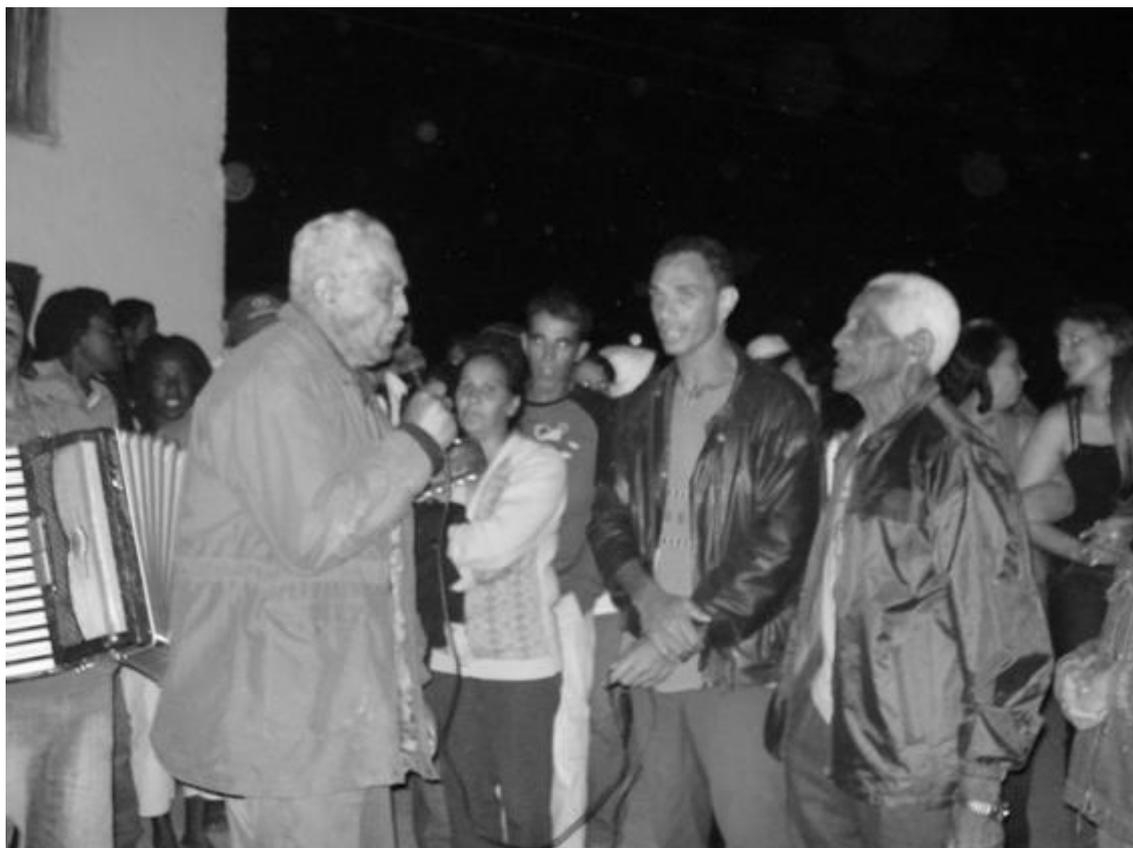
Mas hoje o termo quilombo é mais abrangente. Está muito mais próximo da idéia de comunidade. Não está associado a escravos, senzalas e fugas, **mas enquanto um processo de reconhecimento de nós mesmos, integrantes de uma comunidade negra, quando identificamos nossas características próprias, isto é, o que a comunidade reconhece e identifica de sua própria história e de seu próprio presente.**

Quem somos afinal?

Mais do que a história, foi a geografia que nos auxiliou na compreensão do reconhecimento da comunidade quilombola e sua especificidade junto ao grupo social habitante de São Pedro de Cima. Há um consenso que as primeiras levas de negros chegam à localidade enquanto integrantes dos “Malaquias”, hoje oficialmente integrantes da família com sobrenome Braga.

Ao reconstituir o histórico local, identificamos que o primeiro eixo de penetração sobre o vale do rio São Pedro é exatamente

aquele que provem da subida pelo próprio eixo do rio; quando a partir de certo trecho o vale se alarga e configura uma vargem, ou várzea, já na porção correspondente ao alto curso do rio São Pedro. Ali, nas encostas que antecedem a várzea propriamente dita, mais precisamente à margem esquerda, se localizam até hoje os descendentes dos que se reconhecem como primeiros habitantes do São Pedro de Cima, os membros da família dos “Malaquias”. Bem mais a montante do vale de São Pedro sobre suas encostas localiza-se um outro núcleo familiar negro: os “Pereiras”. Mas, como afirmado anteriormente, não são só famílias negras que habitam a comunidade de São Pedro de Cima.



Comunidade em festa no dia de São João.

A presença de outros grupos familiares remonta a outro momento de migração para o vale, que corresponde à terceira geração anterior e que configurou a chegada de descendentes: homens oriundos de localidades próximas que passam a dominar e territorializar principalmente os vales laterais ou afluentes do eixo principal da bacia do rio São Pedro. Essas terras são hoje

desmembramentos, por herança, de descendentes das famílias dos “Adil”, localizada no vale à margem direita e dos “Aprígios” à margem esquerda.

Nossas Mulheres

As mulheres de nossa comunidade representam com firmeza e força a sua importância, possuem diversos papéis que vão do interior doméstico a trabalhos externos, ajudam a melhorar a renda e a organização familiar.

Estão presentes em todos os espaços da comunidade, como nos trabalhos oferecidos pela escola, na limpeza e manutenção da Igreja, na complementação do trabalho na época da panha do café e especial ajuda às outras companheiras da comunidade no preparo de festas e comemorações.



[Meninas em festa na comunidade.](#)

Também são as maiores responsáveis pelos afazeres domiciliares como: o cuidado com a casa, a alimentação dos filhos e

do marido, o trato das criações, a educação básica e passagem dos valores sociais, éticos e religiosos às crianças.

Cada mulher estabelece e remonta uma rede de solidariedade entre todas as famílias da comunidade. Essa rede pode ser evidenciada através dos relatos que nos são contados sobre as festas, tanto religiosas quanto particulares. Como: casamentos, batizados, aniversários, onde as mulheres se unem em prol da organização e funcionamento dessas. Além dos vínculos de ajuda firmados entre as comadres, quando estão doentes ou precisam de se ausentar da comunidade, para ir a médicos ou fazer alguma coisa na cidade.

Dessa forma, toda essa força que sai dos braços femininos se faz presente e indispensável à organização e funcionamento da comunidade. Sempre com muito rigor, carinho e harmonia, características presentes em todo o universo feminino de dedicação.

O nome do nosso lugar

Conta-se que o primeiro a chegar nessas terras foi o Sr. Pedro Malaquias que as negociou com o Sr. José Lourenço, conhecido fazendeiro da região.

Pedro Malaquias, que era muito religioso, escolheu as terras de cima por conta das samambaias que ali havia e que possuíam raízes em forma de cruz.

O nome São Pedro de Cima também foi dado pelo Sr. Pedro por conta dessa forte religiosidade, associação ao santo católico. A família Malaquias, portanto, foi a primeira família a se estabelecer na comunidade, seguida pela família Pereira, pelos Adil, pelos Aprígeio e todos que foram chegando e se estabelecendo no lugar.

A comunidade também já foi conhecida pelo nome de São Pedro dos Crioulos por conta da grande concentração de negros, o que a diferenciava da comunidade da área conhecida como São Pedro de Baixo, cuja maior parte da população era branca.

Essas são apenas algumas das histórias contadas sobre a origem da comunidade. Histórias essas que variam de acordo com quem as contam e com o tempo. Contar histórias como essas, que passam de geração a geração, faz parte da tradição das pessoas

desse lugar, além de acabar contribuindo para a formação das identidades individuais e coletivas e também para o entendimento da construção dessa comunidade e dessa população.

E por que “de Cima”?



Vista de cima da Comunidade

A comunidade de São Pedro de Cima se assenta sobre o vale do córrego São Pedro.

O vale é um acidente geográfico que se caracteriza pelo trabalho sobre os terrenos, isto é, os solos (a terra) e as rochas (as pedras) das águas das chuvas e daquelas águas que afloram e descem o relevo escorrendo sobre um leito (o leito, como o nome diz, é a cama do rio).

O conjunto de rios e pequenos rios interligados formam uma bacia hidrográfica.

Como por efeito da lei da gravidade tudo cai de cima para baixo, as águas de um rio também obedecem esta lógica.

Assim, por estar mais alto e mais perto das nascentes, nosso lugar é o São Pedro de Cima, isto é, a parte de cima do vale do córrego São Pedro.

Como era antigamente

Uma das melhores formas de nos lembrar do passado da comunidade de São Pedro de Cima é através das mudanças que aconteceram na paisagem do lugar e na dinâmica da vida cotidiana. Mas para sabermos disso, precisamos da história e do relato da comunidade mais idosa, de suas lembranças, das modas, dos causos e dos objetos que tinham serventia para a vida no passado.

Basta pensarmos que quando os primeiros moradores chegaram ao local, o que se via era uma enorme quantidade de mato, principalmente de samambaias. Além disso, ali se encontravam uma variedade de animais que não se pode ver mais, tamanduás e algumas espécies de pássaros são alguns exemplos.

Não existia acesso por estradas. O deslocamento era feito a pé ou a cavalo e havia também uma quantidade muito pequena de casas.



Pássaros da região. (canários e tico-ticos). Fotos de Flavio Machado.

Como se vivia então?

As casas que existiam eram feitas de barro e não tinham as divisões a que estamos acostumados a ver atualmente, isto é, não existia quartos nem sala. Até mesmo a cozinha se localizava em um ambiente único. Conta-se inclusive que algumas vezes as paredes de barro caíam e as pessoas usavam apenas o teto dessas casas como abrigo.

No início, os moradores da comunidade continuaram trabalhando em propriedades de fazendeiros da região em troca de alimentos, como a rapadura e a gordura. Após um período vivendo em São Pedro de Cima, esses moradores passaram a plantar em suas próprias terras para sobreviver.



Arquitetura local

Mas em que se trabalhava naquela época?

Naquela época, além de se começar a estabelecer o povoamento na região, a criação desses cultivos, antes inexistentes, transformou de maneira importante a paisagem do lugar. Até mesmo em terras não muito férteis ocorreram mudanças, uma vez que elas se tornaram pastagens.

Os principais produtos cultivados desde então eram o milho e o feijão, mais recentemente o café cujo plantio foi intensificado na comunidade à época do governo do presidente João Figueiredo (final da década de 70) através dos incentivos do programa “Plante que o João garante”.

Havia também o plantio de arroz, seu cultivo foi interrompido devido à construção da estrada de minério (minerioduto), pois a terra retirada das escavações para a construção da estrada era jogada no terreno de várzea, o que impossibilitava seu alagamento e assim a “visão amarelinha” na parte central da comunidade. Junto com o minerioduto também foi construída uma estrada que liga a comunidade ao centro do município de Divino.

E o que ocorreu em São Pedro de Cima?

Neste período entre meados da década de 50 e início da década de 80, o povoamento de São Pedro de Cima se intensificou auxiliado pela construção da rodovia Rio-Bahia (BR 116), do já citado incentivo ao café no governo Figueiredo e da estrada até Divino. A abundância de água e de terrenos para cultivar e criar atraiu novos trabalhadores e moradores para o lugar. Esses acontecimentos contribuíram para um aumento populacional através da chegada de novos moradores na comunidade, e também para a “mistura” de uma população que era em sua maioria de origem negra.

O que fazemos no nosso lugar?

O trabalho na lavoura de café é a principal atividade realizada pelos moradores de São Pedro de Cima, sendo, portanto, o café o produto de comercialização de onde vem a renda dos moradores. Assim, o café influencia diretamente a vida da comunidade, altera o

ritmo do cotidiano principalmente na época da “panha”, muda inclusive os horários escolares em São Pedro de Cima.

O cultivo do café é organizado de diferentes formas: pode ser através do trabalho coletivo não remunerado ou como prestação de serviços (recebendo pelo trabalho em propriedades alheias). Assim, o café influencia as relações entre os moradores, gera práticas de compadrio como o mutirão e o “troca-dia”.



Secagem do café.

Na lavoura de café também se observa a mistura de culturas (“consórcios agrícolas”) como, por exemplo, o milho e o feijão. Em algumas propriedades, observa-se ainda o cultivo de mandioca, inhame e abóbora junto à lavoura de café. Porém, diferentemente do que acontece com o café, esses cultivos são para consumo próprio e, portanto, não são comercializados.

Da mesma forma, ao redor das casas, também é possível encontrar a presença de diversos tipos de plantação (hortas, pomares, etc) bem como a criação de pequenos animais como galinhas e porcos. Essas atividades que estão inseridas dentro dos afazeres domésticos também são realizadas visando o autoconsumo.

Dentre essas plantações, merece destaque o cultivo de ervas medicinais (funcho, camomila, poejo, “mil folhas” e outros) por alguns dos moradores que conservam o conhecimento tradicional de preparar chás a partir delas.

A Escola e o Posto de Saúde: uma conquista da comunidade do São Pedro de Cima



Escola Municipal Lia Marta de Oliveira

Sabemos que São Pedro de Cima é um distrito do município de Divino. E devido a sua população de aproximadamente 500 habitantes, tem necessidade da presença do poder público, isto é, de instituições da prefeitura que cuidem da saúde e da educação da comunidade. Isso é possível através dos impostos pagos pelos habitantes do município de Divino e por ser esta uma tarefa do executivo municipal expressa na Constituição Brasileira, a lei maior de um país.

Assim, foi inaugurada a escola Lia Marta de Oliveira e, bem recentemente, a comunidade dispõe do posto de saúde que atende aos primeiros socorros, a consultas e principalmente a vacinação das crianças e jovens.



Posto de Saúde Ana de Oliveira Braga

"Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda."
(Paulo Freire)

Mas nem só de plantar vive o Homem...

Um elemento importante dentro de uma comunidade é sua capacidade criativa. Assim, em São Pedro de Cima, encontramos algumas pessoas que se dedicam também ao artesanato, produzem, por exemplo, bonecas de palha, brinquedos de madeira, balaios, bolsas e instrumentos de trabalho.



Artesanatos feitos por Aécio: miniaturas e bonecas de palha.

Mas, “como ninguém é de ferro”, em São Pedro de Cima, o convívio também acontece em outros ambientes e de outras formas...



Igreja Assembléia de Deus



Igreja Católica

A escola e as igrejas são os principais locais de encontro entre os moradores de São Pedro, são, portanto, de uso coletivo para reuniões, festividades, dentre outros. Além desses locais também são utilizados para o encontro e para comemorações os terreiros de algumas casas, que recebem os outros moradores. Muitas dessas festas marcam o calendário religioso da comunidade, como por exemplo: a Folia de Reis, Festa de São João, Ladainhas, Encomendação das Almas e a Charola.

Um pouco mais sobre:

Folia de Reis

A Folia de Reis é uma festa religiosa de origem portuguesa, que chegou ao Brasil no século XVII. [Os versos abaixo são exemplos](#)

de nossa participação na festa dos Reis quando saímos pela comunidade tocando, dançando, cantando e recitando estes versos. Sua importância se dá porque são preservados de geração em geração por tradição oral.

Toada de visita a uma casa

Quando nessa casa entrei
Quando nessa casa entrei
Reparei nos quatro cantos
'parei nos quatro cantos.

Avistei esta senhora
Avistei esta senhora
E os seus quadros de santos
Os seus quadros de santos.

Também pede a sua oferta
Também pede a sua oferta
Do alcance da senhora
Do alcance da senhora.

Vamos lá pra agradecer

Vamos lá pra agradecer
A oferta da bandeira
A oferta da bandeira

Santos Reis que lhe abençoa
Santos Reis que lhe abençoa
No correr da vida inteira
No correr da vida inteira

Ela agora lhes convida
Ela agora lhes convida
Pra senhora e pra família
Pra senhora e pra família

Pra ajudar a rezar o terço
Pra ajudar a rezar o terço
Dia seis de janeiro
Dia seis de janeiro.



Comemoração da Folia de Reis.

Os personagens somam doze pessoas e todos os integrantes do grupo trajam roupas bastante coloridas. Os principais personagens são:

O Mestre e Contra-mestre: dono de conhecimentos sobre a manifestação, é quem comanda os foliões.

O Palhaço: com seu jeito cínico e dissimulado, confunde os soldados de Herodes. O seu jeito alegre e suas vestimentas coloridas são responsáveis pela distração e divertimento de quem assiste à performance. Representando o mal, usa geralmente máscara confeccionada com pele de animal e vai sempre afastado um pouco da formação normal da Folia, nunca se adiantando à *bandeira*. Apesar de seu simbolismo, é personagem alegre que dança e improvisa versos, criando momentos de grande descontração.

Os Foliões: Composto de homens simples, geralmente de origem rural. São os participantes da festa e dão exemplo grandioso através de sua cantoria de fé.

Reis Magos: São três Reis Magos. Fazem viagem de esperança, certos de encontrarem sua estrela.

Com sanfona, reco-reco, caixa, pandeiro, chocalho, violão e outros instrumentos seguem os foliões pela noite adentro em longas caminhadas, levam a bandeira (estandarte de madeira ornado com motivos religiosos) a qual **tributam especial respeito, pois é o símbolo da fé cristã, isto é, do misticismo que mobiliza os festejos que encerram o período natalino.**

Encomendação das almas

Segundo o conhecimento transmitido pela tradição, a quaresma é tempo especial para que se reze pelas almas do purgatório. Normalmente, as cerimônias se realizam nas sextas-feiras durante a quaresma ou durante o mês de novembro. Um grupo de pessoas cobertas de branco reza e canta pela estrada deserta depois da meia-noite. Acompanhadas de matracas vão de casa em casa orar aos santos e às almas do purgatório.

Durante uma noite um grupo de rezadores visitam as casas das pessoas onde fazem a “recomenda” ou “encomenda” das almas através de seus cânticos. Em geral, os moradores, por acreditarem que Deus permite que algumas almas acompanhem o cortejo e com medo de vê-las, não abrem suas portas.

Fogueira de São João

A fogueira de São João ocorre tradicionalmente no mês de Junho para homenagear São João e/ou os outros santos do mês: Santo Antônio e São Pedro.



Sr Antônio e a fogueira de São João.

Durante a festa é acesa uma enorme fogueira, a qual é fruto da contribuição dos membros da comunidade que recolhem a lenha e ajudam na sua montagem. Ela é o coração da festa, tem inúmeras utilidades, significados e memórias: o aquecer das prosas no frio, o estalar da lenha no queimar do fogo, a coragem e a brincadeira no pular a fogueira, as rezas e as promessas, além da fé e do desafio ao pisar na brasa.

Além disso, são oferecidos quitutes pelo anfitrião da festa: o biscoito de polvilho, a pamonha, broa, chás e, claro, o café!

O lazer na comunidade para além das festas também se faz presente nos jogos no campinho de futebol; nas conversas nas vendinhas, bares e no interior das próprias casas, principalmente na cozinha em volta do fogão à lenha. A cozinha é na verdade um lugar de convívio e recepção das visitas.

Fora da comunidade o lazer acontece nos passeios a cavalo ou de motocicleta, em visitas a amigos e parentes nas localidades ao redor e nas idas a Divino, principalmente pelos jovens de São Pedro, que freqüentam as festas da cidade.

Histórias e Causos de São Pedro de Cima

Mãe do Ouro

Conta-se que em determinadas noites, vagando pelas plantações de café, avista-se uma luz muito forte e bonita que encanta o seu observador tal como uma sereia. Acredita-se que essa luz indica lugares onde possivelmente existe ouro. Assim, surge a lenda da mãe do ouro, que tanto moradores mais jovens quanto mais velhos dizem já ter visto.

Caboclo da capoeira

Essa figura seria um capoeirista vestido de calças brancas e corda na cintura que, nas encruzilhadas, passa rasteira naqueles que por lá passam e debocham das assombrações.

Dia de Finados

Conta-se que no dia de Finados (2 de Novembro) é possível em algumas encruzilhadas enxergar as almas do outro mundo.

Dia da Santa Cruz

Andando pela comunidade encontramos em frente a algumas propriedades ou na fachada de algumas casas, uma cruz. Assim, várias famílias preservam a tradição, muito presente no meio rural, de no dia 2 de Maio (dia da Santa Cruz) enfeitar essas cruzes com materiais diversos. Os antigos ainda contam que quando crianças acreditavam que à meia noite deste dia veriam a cruz subir ao céu, onde lá todas as cruzes se encontravam e por isto deveriam estar bem enfeitadas pra uma não passar vergonha na frente das outras. Depois do sagrado encontro, cada cruz retornaria a sua casa de origem.

Como cuidar de nosso lugar?

Como vimos, a atividade principal de São Pedro está concentrada na agricultura. Sendo assim, devemos aprender a valorizá-la e construir uma relação que não esgote os recursos naturais, mas que os enriqueça continuamente.

Se o lugar é nosso, devemos cuidá-lo para que nós e os nossos filhos e netos tenham recursos para continuar por aqui. A natureza é um sistema e devemos respeitar todos os seus componentes para que ele funcione bem.

A terra, o chão, o solo. Tudo está penetrado de vida, desde a microscópica bactéria até o mais velho e enorme cedro. Isso dá uma dinâmica, um ciclo. Como na velha frase: “Na natureza nada se cria, nada se destrói, tudo se transforma”.

Observem como algumas árvores que crescem em sol abundante tornam possível que outras árvores se desenvolvam em sua sombra, que também permitem a presença de trepadeiras e orquídeas em seus troncos e galhos. Estas árvores, por sua vez, descarregam suas folhas no chão, e essas serão pouco a pouco decompostas liberando novamente nutrientes ao solo e assim por diante.

Este é um dos vários ciclos naturais, que podem ser observados em florestas, matas, capoeiras e mesmo no quintal de nossas casas. Nós mesmos somos vida dentro deste e de outros ciclos e podemos participar. Como o agricultor que retorna a palha do café para a

lavoura, ou ainda, quem preserva a mata nas nascentes sabendo que isso vai garantir a disponibilidade de água.

Mas o que devemos tentar evitar ?

Quando alguma coisa vai mal, a natureza também denuncia, mais cedo ou mais tarde, e podemos observar os sintomas.

Normalmente os sistemas que tem como base uma única produção (monoculturas) tendem a ser muito diferentes dos naturais, tão diversos como sabemos. Isso causa a migração de algumas espécies, que ali não conseguem mais o que precisam, ou mesmo trazem outras espécies que ali encontram grande conforto para a vida, já que não tem predadores no local. O resultado, muitas das vezes, é um grande desequilíbrio do meio ambiente.

Por isso as plantações que se afastam muito dos sistemas naturais precisam de agrotóxicos. E dessa necessidade, surge outro problema ambiental: a contaminação de nossos solos e águas por essas substâncias, que inclusive podem ser nocivas para nossa própria comunidade.

Vamos imaginar duas situações e delas tirar nossas conclusões.

Uma floresta:

Nela diversas plantas e animais convivem harmonicamente, cada um com sua função e modo de usar o meio ambiente (nicho). As plantas por serem tão diversas atraem diferentes animais e microorganismos. Estes, por sua vez, dispersam as sementes, controlam naturalmente as pragas, retiram o que necessitam para viver daquele local e retornam a matéria orgânica para o local ambiente. Com as plantas protegendo o solo, ele não se perde pela ação da água que tem o ambiente necessário para infiltrar e levar os nutrientes para as plantas. Assim, o ciclo continua.

Uma monocultura de Eucalipto:

Para que a produção se estabelecesse, foram retirados as gramas e capins, e mesmo as plantas maiores. Sem ter do que se alimentar, ou um local bom para se alojarem, os animais saem dali, podendo não se adaptar a outro local ou mesmo se adaptarem de mais e se alastrarem como pragas. Com a saída deles, o sistema não tem quem alimente a diversidade, pois as sementes não são dispersas e não chegam àquele local. O solo que era protegido pelas pequenas plantas, agora está desprotegido e vulnerável a ação da água. Com poucos nutrientes o solo necessita de correções que podem gerar a contaminação das águas. O ciclo não se fecha e o desequilíbrio ganha lugar.

Entre a Cruz e a Caldeirinha

Sabemos que a vida moderna nos leva cada vez mais a necessidade de dinheiro. E que nosso dinheiro vem do nosso trabalho e, assim, buscamos produzir mais renda dentro da nossa terra.

A agricultura comercial nos acena com a possibilidade de fazer dinheiro e, lógico, tendemos a buscar aquela produção que significa menos custos na hora de produzir. Mas não podemos esquecer que a terra é um bem, mas também é uma herança, não só de um patrimônio econômico, mas fundamentalmente de um patrimônio da própria natureza.

E em um lugar onde a natureza estará morta a comunidade também sucumbirá. Quem sabe até deixando suas terras e indo morar nas cidades.

Muitos que nasceram no São Pedro de Cima se mudaram e moram em muitas cidades deste grande país. Muitos vêm frequentemente à comunidade visitar seus parentes e amigos, já outros só podem vir nas férias e nos grandes feriados. Toda comunidade no mundo de hoje passa por isso. É bom ver as

peças partirem em busca de um novo destino, mas também é bom saber que elas podem voltar e viver bem caso queiram ou sintam necessidade.

O mais importante é ter o direito de ir e voltar e o dever de garantir esta possibilidade com o trabalho, a solidariedade, o respeito à natureza, às inovações e às tradições do lugar.

No nosso lugar o tempo não para

Declaramos que o que mais nos encantou em São Pedro de Cima foi encontrar um lugar com tanta identidade e tradição. Ao mesmo tempo em que podemos desfrutar da natureza e das novidades do mundo moderno. Isso significa que o mundo vai acontecendo em São Pedro de Cima conforme a tendência cada vez mais crescente da aproximação com a cidade e com o modo de vida urbano.

No entanto, deixamos aqui nosso apelo para que as gerações presentes sejam capazes de se reconhecer e se respeitar, preservar a vida cultural, os saberes, os usos, as tradições. Enfim, todo o conhecimento acumulado dos nossos pais e avós, ou seja, de nossos antepassados; e que a tecnologia e a modernidade cheguem no continuar do processo civilizatório para consolidar cada vez mais o bem estar de toda a comunidade.

Lembre-se que os homens descendem dos homens e tudo que aprendemos para recriar e inovar não seria possível sem nossos antepassados, que nos serviram de referência e crítica para estarmos no mundo de hoje. Vejam que:

sem o trem não haveria o carro.

sem o telefone não haveria o celular.

sem o rádio não haveria a televisão.

sem o telégrafo não haveria a internet.

E todos eles são frutos do trabalho humano desde sempre neste mundo que vivemos.

Sem a natureza nunca haveria ou continuará havendo vida.

E, sem solidariedade nunca haverá plenamente humanidade.

Referências Bibliográficas

BEDESCHI, Luciana; ZANCHETTA, Maria Inês. **Cidadania quilombola**. São Paulo : Instituto Socio-ambiental, 2008.

COELHO, Socorro. **Comunidades Quilombolas Brasileiras**. Belo Horizonte: PUCMinas. (Apresentação de Power Point)

Disponível em: http://www.pucminas.br/raca_cor_etnia/ppt/oficina_socorro.ppt.

Acessado em: 15 de Janeiro de 2010.

CPISP. **Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais**. Disponível em: http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/i_brasil_mg.html Acessado em:15 de Janeiro de 2010.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Valorização e preservação das manifestações afro-brasileiras**. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/temp/sites/000/2/download/pub-fcp-jun2009.pdf>. Acessado em: 15 de Janeiro de 2010.

Marques, Carlos Eduardo. **De Quilombos a quilombolas: notas sobre um processo histórico-etnográfico**. Disponível em

http://www.cedefes.org.br/index.php?p=afro_detalhe&id_afro=2224. Acessado em 4 de dezembro de 2010.

Outos sítios visitados;

<http://www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/foliasdereis.htm>

<http://www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/almas.htm>

<http://www.ensinoafrobrasil.org.br/portal>

<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/lei10639.pdf>

<http://letras.terra.com.br/dino-franco-mourai/883188/>

Ficha Técnica:

Esta cartilha é uma produção coletiva do Projeto de Pesquisa **ECOMUSEU da Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima** do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Juiz de Fora e contemplado pelo PROEXT – Ministério da Cultura/2008.

Participaram da confecção desta cartilha os bolsistas de extensão:

**DAYANA FRANCISCO LEOPOLDO
LUCIANO MENDES FERREIRA
MARIANA VILHENA DE FARIA
NATHAN ZANZONI ITABORAHY
RAFAELA ALVES
TIAGO BUSTAMANTE TEIXEIRA
THAIS DA SILVA DANTAS
VITOR DE CASTRO MORAIS**

Sob a supervisão da Professora Dra. **Maria Lucia Pires Menezes** coordenadora do **Laboratório de Territorialidades Urbano-Regionais (LATUR)** do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Juiz de Fora.

SETEMBRO DE 2010.